

a casa do lago
ella carey

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

CHÁ
DAS
CINCO 
Livros com sexto sentido

Capítulo

UM



São Francisco, 2010

A decisão foi tomada no Italian Café, em Chestnut Street. Mais tarde, Anna perguntar-se-ia se teria tido alguma influência nela. Tudo o que existia para lá da mesa junto à janela transformara-se num turbilhão inextricável. Só havia uma coisa de que Anna se sentia certa: algo ia mudar, e depressa.

A sua mente estava repleta de perguntas, mas havia uma que se destacava entre as restantes. Porquê nesse dia? Porquê nessa manhã?

Anna tinha acordado à hora do costume, vestido o seu normal fato de trabalho preto e um dos lenços preferidos da mãe, regara à mão o seu jardim, removera as folhas mortas das roseiras, até pagara algumas contas antes de sair. Não havia ali nada de inusitado.

As pessoas que andavam às compras, com os seus cestos de verga pendurados no braço, percorriam o passeio, para um lado e para o outro, do lado de fora da janela. O trânsito de sábado de manhã estava parado, num impasse, na rua movimentada. Anna não conseguia fazer mais do que olhar e olhar para o avô de noventa e quatro anos de idade, Max. Era impossível saber o que dizer.

Se alguém tivesse perguntado a Anna se ela achava o avô capaz da revelação que acabara de fazer, ter-lhe-ia dito que estava louco. Este fora a maior fonte de consistência e amor em todos os seus vinte e nove anos de existência. Ela era-lhe dedicada — e sempre fora.

Tentara inúmeras vezes levá-lo a falar do passado. E por inúmeras vezes, ele recusara-se. Era uma zona interdita. Anna sabia que não devia abordá-la. Sabia que não devia fazer perguntas. Não fazia ideia do que lhe teria acontecido para que nunca, mas nunca, quisesse falar disso.

Certo dia, encontrou-o no seu apartamento, a ver fotografias que disse serem da sua infância. Ia queimá-las todas. Anna nem sequer sabia que ele tinha as fotografias até àquele momento.

E, depois, Max erguera os olhos e perguntara como tinha sido o dia de Anna. Como habitualmente. Uma manobra de diversão. Levando a conversa para longe dele. E com toda a certeza, para longe da sua infância, da sua juventude, na antiga Alemanha de Leste. Tudo o que ela sabia era que a família fora obrigada a fugir aquando da invasão soviética, que Max nunca regressara, e que nunca, mas nunca, queria falar daquilo. O seu passado sempre pairara na imaginação de Anna, e no entanto também a repelia — achava-o demasiado confuso, por isso deixava-o em paz, por respeito e amor por Max.

Naquela manhã, Anna deixara o balcão de vidro e corraera ao longo da parede do café mal vira Max a subir a rua. Avançara por entre os clientes, que faziam fila pelas suas trinta e quatro variedades de sandes, os seus presuntos de Parma, as suas seleções de queijos italianos — *Rocca Reggiano*, *Parmigiano*, *Locatelli Pecorinos*, e *Dry Jacks* —, que no seu conjunto lhe haviam garantido uma certa reputação em Pacific Heights. Na verdade, por toda a São Francisco. Prosseguiu caminho para lá da segunda fila que se formara para os pães artesanais e os bolos deliciosos.

Anna tinha conquistado uma clientela fiel que regressava, uma e outra vez, para a mistura mágica de cafés que tinha aperfeiçoado. O seu Italian Café partilhava esse seu perfume, lado a lado com as especiarias, o alho e um toque de vinho tinto. Os clientes de Anna diziam-lhe muitas vezes que, se fechassem os olhos, conseguiam imaginar que estavam em Roma.

Anna colocara um dos seus pequenos sinais pretos de reservado na mesa do avô, uma hora antes daquela a que este deveria chegar. Se não lhe guardasse o lugar, alguém se instalaria para ler os jornais de sábado e não se moveria dali durante horas.

Quando Anna segurou a porta para que ele entrasse, todas as outras mesas estavam cheias. O pessoal que trabalhava ao balcão movia-se sem parar e o café fervilhava com as refrescantes conversas de sábado. Anna conduziu Max através da multidão, com a mão apoiada no braço magro dele. Depois instalou-o no lugar que lhe reservara e assegurou-se de que a cadeira estava na posição certa antes de lhe preparar o café.

Cass, a sócia de Anna, surgiu ao lado dela.

— Importas-te que vos faça companhia hoje? Estou mesmo a precisar de uma dose de Max.

— Bem. — Anna tirou o avental preto. Depois dirigiu a Cass um sorriso rasgado. — Talvez estejas a precisar de um homem dos anos de 1930. Isso é que era uma ideia. Podias sempre viajar para trás no tempo.

— Se ao menos fosse assim — disse Cass. Vários caracóis tinham escapado à sua tentativa de os confinar num carrapito. Naquele dia o seu cabelo era vermelho. Na semana seguinte seria roxo. Independentemente da semana, Cass esperava encontrar um homem.

Anna sentia-se grata por todas as semanas em que isso não acontecia.

Retirou de um frasco de vidro o biscoito macio de farinha de amêndoa de Max e pousou-o num prato. Sentiu Cass a observá-la. Um homem lindo de morrer acabara de entrar no café. Parecia ser alguém que passava o dia inteiro a malhar no ginásio e a *t-shirt* branca revelava uns bíceps encantadores.

— Esquece — murmurou Anna, olhando de relance para a amiga.

— Começa a tornar-se algo ridículo, Anna — disse Cass num sussurro. — Seis anos? Isso é muito tempo.

— Vais ver. — Anna sorriu à mulher que se encontrava em primeiro lugar na fila.

Dez minutos depois, Anna beijava o rosto do avô, sentava-se com ele e Cass, recostava-se na cadeira e esticava as pernas cansadas. Inspecionou os simples sapatos pretos que usava todos os dias. Estavam engraxados; pareciam bem. Puxou a saia travada que usava por baixo do avental preto; tinha subido um bocadinho por baixo da camisola preta. O cabelo comprido estava preso num rabo de cavalo, realçando os seus amendoados olhos castanhos.

— Trouxe isto. — Max empurrou um artigo de jornal por cima da mesa, na direção dela.

Cass inclinou-se para Anna, lendo por cima do ombro desta.

— Um apartamento da Belle Époque, em Paris, que esteve abandonado durante setenta anos? Que intrigante. Imaginem os fantasmas!

Anna franziu o sobrolho às fotografias que via à sua frente. Um boneco de peluche desbotado do Rato Mickey estava encostado a uma avestruz empalhada com um xaile com padrões a cobrir-lhe as pobres costas rígidas. Havia uma fotografia de uma sala de estar, o papel de parede a descolar em longas tiras. Outra mostrava um toucador antigo com frascos de vidro talhado que continham o que restava de um qualquer perfume antigo.

Mas Anna não conseguia afastar os olhos da última fotografia. Era um

retrato de uma mulher. O cabelo preto estava em desalinho e o rosto virado para o lado. Embora elegante e bela, tinha também um toque de erotismo. O vestido fora pintado com pinceladas tão leves que parecia etéreo e sobrenatural.

— O apartamento foi... — começou Max, mas depois fez uma pausa. — Cheio de beleza um dia. — Havia uma qualidade da Hollywood antiga na sua voz, que se fundia com o ligeiro sotaque europeu. Concedia gravidade a quase tudo o que dizia.

Max queria dizer, claro, que o apartamento fora, *certamente*, belo um dia. Anna sorriu-lhe, adotando o tipo de expressão que assumia frequentemente, por aqueles dias, com o avô. Por dentro, sentia um toque de tristeza perante a sua idade avançada.

— Veem, é por isto que gostava de ir a Paris — disse Cass. — Estas coisas nunca acontecem por aqui. Se conseguisse levar Anna até lá, talvez lhe conseguisse arranjar um homem. É precisamente disso que ela precisa. Não acha, Max?

— Umas férias podiam ser maravilhosas — disse Max. — Se Anna se permitisse esquecer o passado.

Anna quase se engasgou com o café.

— Desculpem, eu estou aqui! — Mas estava a rir-se.

Max parecia estar a pensar.

A única coisa a fazer era esperar.

— Anna, querida. Há muito tempo que não te peço que faças algo por mim.

— Se, por muito tempo, queres dizer *nunca*...

— Não fales demasiado cedo — disse ele, a voz agora mais suave. Era fácil imaginá-lo como fora um dia: glamoroso, jovem, o cabelo claro penteado para trás, revelando os seus cintilantes olhos azuis. A avó de Anna guardara a fotografia do casamento na cómoda de sua casa. Anna ia muitas vezes buscá-la quando era criança, virando-a nas mãos.

Cass fitava-o atentamente.

— O que foi, Max?

— Anna, nunca foste a Berlim — disse.

— Não. — Um nó formou-se no seu estômago.

Max inclinou-se para a frente e retirou um pedaço de papel da pasta de cabedal pousada no chão aos seus pés. Até Cass permaneceu em silêncio enquanto ele abria o que era claramente uma planta antiga e a estendia sobre a mesa, dispondo-a cuidadosamente com os dedos deformados. Anna

empilhou a um canto as chávenas de café e os pratos vazios; quase nem se apercebeu quando um dos empregados se aproximou e levou a louça.

Uma planta do interior elegante de um edifício cobria o papel amarelado. Anna deslizou os dedos pelas filas de divisões, todas elas alinhadas em tinta sépia. Em segundo plano estava um desenho desvanecido do que era claramente o edifício que surgia na planta. Torreões elegantes e belas janelas francesas sugeriam beleza sob um diagrama mais prosaico.

Anna fitou Max.

— Schloss Siegel — disse Max, os seus olhos cruzando-se com os dela.

— Oh, céus. — Cass inclinou-se sobre o papel velho, alisando a folha áspera com a ponta dos dedos. — Encontrou-o numa loja de antiguidades, Max?

— Não exatamente.

Anna permanecia em silêncio.

Max inclinou a cabeça e empurrou o papel na direção dela, convidando-a a ver com mais atenção. Anna estudou o desenho: havia um enorme átrio no piso térreo. Um conjunto de portas duplas dava acesso a uma divisão rotulada «sala de música», que, por sua vez, conduzia a um terraço sobranceiro a um parque com o seu próprio lago.

As salas a que o átrio dava acesso estavam todas rotuladas com a mesma letra: sala de fumo, sala de bilhar, biblioteca, sala das senhoras, quartos de hóspedes, quartos individuais para os criados, até havia um para as pratas. No segundo piso viam-se vários quartos grandes, por cima do salão, e corredores que conduziam a quartos mais pequenos rotulados de «criadas».

— Deixei lá uma coisa, sabes? — disse Max.

Anna ergueu o rosto. Os seus olhos fixaram-se nos de Max.

— Algo valioso — prosseguiu.

— Desculpa? — sussurrou Anna.

— Tu ouviste-me, querida. Foi... noutra vida.

Max sempre fora muito aberto acerca da sua vida nos Estados Unidos: como acabara em São Francisco nos anos de 1950, obtivera uma licenciatura em Economia, trabalhara com afinco para construir sozinho uma empresa de investimentos. Tinha casado com a avó americana de Anna, Jean, e haviam partilhado o que tinha parecido um casamento tolerável. Max não voltara a falar dela desde a sua morte. Mas fora o que Anna vira ao crescer e era a última coisa que queria para si.

— Anna. — Max mantinha o habitual tom gentil, mas havia algo firme na sua voz.

Anna queria levantar-se. Afastou a cadeira para o fazer, depois voltou a puxá-la para a frente. Estava a correr tudo tão bem naqueles dias. A sensação inquietante que a invadira tornou-se mais pronunciada.

— Também é a tua família, Anna.

Anna inalou profundamente.

— Duas horas a noroeste de Berlim. A velha Brandenburgo: Prússia. Florestas, lagos. — Max fez uma pausa. — Tão bela... a minha antiga casa.

O olhar de Anna regressou à planta, os seus olhos movendo-se agora mais depressa: vinte e seis quartos no primeiro andar; vinte e quatro no segundo; escadas que desciam para outro piso, com uma seta que indicava cozinhas e copa — não havia cave, mas havia várias divisões no sótão. Portanto, quatro pisos. O cérebro de Anna refugiava-se sempre nos números quando se sentia assoberbado. A lógica nunca a dececionava — e, o que era mais importante, estava sempre, sempre presente.

— Quero que lá voltes por mim, Anna. Quero que encontres o que deixei para trás.

O avô queria que ela lá fosse? Àquela casa do lago, àquele... Schloss, fora isso que lhe chamara?

— Oh, céus. — Cass recostou-se na cadeira e soltou um dos seus assobios habituais. — Eu bem te disse que estava a precisar de uma dose de Max. Não me ouviste dizer isso? É tão romântico. — Cass inclinou-se para ele. — O que quer que ela faça? Diga-nos! É mesmo disto que a Anna precisa, sabe? O Max é muito inteligente.

Anna abanou a cabeça.

— Desculpa. Não estou a perceber. Queres que eu vá à Alemanha? Ir buscar algo que lá deixaste... quando?

— Em 1940. Junho. Estava com alguma pressa.

Anna recostou-se na cadeira.

— As melhores coisas na vida são loucas, sabes, querida? Instintivas — disse Max. — Ainda não compreendes isso... mas com o tempo, compreenderás. É aí que reside a magia. E isso, minha querida, é o que falta na tua vida.

— O quê? — Anna não sabia o que dizer. Max nunca tinha falado assim. Ela nunca ouvira tamanha urgência na sua voz.

— É uma grande verdade! — Cass bateu com o punho na mesa. — Bravo, Max! Tem toda a razão.

Anna abanou a cabeça.

— Espera lá. Estás a dizer que crescestes num palácio na antiga Alemanha

de Leste, e queres que eu lá vá, sozinha, em busca de algo que deixaste para trás há setenta anos? Será que ouvi bem?

Max susteve o olhar dela.

Era toda a confirmação de que precisava.

— Mas decerto já passaram décadas de pessoas pelo Schloss... os soviéticos devem tê-lo usado nas suas operações militares, ou como hospital. Uma família deve tê-lo habitado entretanto. Avô, decerto sabes que não há qualquer hipótese de que o que lá deixaste ainda lá estar. Odiaria ver-te dececionado. Não agora. E ainda estou a tentar recuperar disto. — Anna voltou a fitar a planta.

Fez-se silêncio.

— Há uma forte possibilidade de que ainda lá esteja — disse ele, por fim.

— Oh, vá lá, Anna! — Cass levantou-se. — Não podes deixar de ir!

— Não posso sair a correr para Berlim! — Virou-se para o avô. — E não gosto da ideia de te deixar sozinho. De qualquer maneira, o que te deu esta ideia louca? O apartamento abandonado em Paris? Porque se trata, claramente, de uma ocorrência bizarra. Não podes estar à espera que as tuas... coisas... ainda lá estejam, intocadas ao fim de todos estes anos.

Max apoiou os antebraços na mesa.

Anna suspirou.

— Tenho perguntas. Tantas perguntas, avô. Primeiro, o que queres que vá buscar? Segundo, não podíamos escrever aos donos e pedir-lhes que te enviassem o que quer que seja que procuras? Decerto, poderemos encontrar uma maneira mais simples de fazer isto. E terceiro, precisamos de falar sobre isto. Por favor.

— Podias estar fora durante meses e o negócio ficaria bem — disse Cass. — Eu posso cuidar de tudo pelas duas. Funciona tudo como um relógio suíço.

— Trata-se, portanto, de uma conspiração.

— Não, não se trata. — Cass e Max falaram ao mesmo tempo.

Os dedos de Anna queriam deslizar por cada pormenor e correr sobre cada divisão da planta à frente dos seus olhos. A mente dela queria imaginar todo o espaço — dispô-lo. Um palácio? Quem viveria lá agora? Como teria sido a infância do avô? Era o que sempre quisera saber, mas precisava de falar com ele convenientemente. Não queria aquelas vagas indicações. Pedir-lhe que fosse buscar uma coisa? O quê? Porquê agora?

— Teremos de falar acerca disto mais tarde — disse ela, mas disse-o com

gentileza. Tinha de regressar ao trabalho. A frustração fundia-se com um desejo urgente de saber tudo.

Quando Max respondeu, soava firme.

— Sei que estás interessada em ir, Anna. E se há algo que aprendi nesta vida, é que devias confiar nos teus instintos. Acredita, foi algo que aprendi às minhas custas. E não devias afastar as coisas, as oportunidades. Nem mesmo quando todos os ossos no teu corpo te dizem que as queres aproveitar. Não deixes que o medo te impeça de ser feliz.

Anna fitou-o de novo. De que raio estaria ele a falar? Aquele não era o Max dela! Tudo o que conseguiu fazer foi abanar a cabeça.

Era possível ouvir vozes exaltadas ao balcão. Um cliente mais difícil estava a censurar um elemento da equipa. Anna levantou-se.

— Até logo — disse ao avô. Inclinou-se e beijou-lhe o rosto.

MAX ESTAVA NA SUA CADEIRA PREFERIDA QUANDO ANNA ENTROU NO APARTAMENTO dele, nessa mesma tarde. Tinha-se obrigado a concentrar no trabalho durante toda a tarde, mas a mente estivera em tumulto durante todo o tempo.

Anna queria a chave para o passado de Max. Há anos que o queria conhecer. Mas como lidaria com a logística daquele pedido? Algo escondido algures na sua casa de infância? Em que estaria ele a pensar?

Tinha tentado realizar uma breve busca na Internet entre os períodos mais atarefados no café, da parte da tarde. Bastaram-lhe alguns segundos para encontrar *online* fotografias do palácio, tiradas quando pertenciam à família de Max. Fora obrigada a afastar-se das imagens do belo edifício antigo quando teve de regressar ao trabalho, mas as imagens a preto e branco permaneceram muito tempo na sua mente depois de ter desligado o computador.

As velhas fotos eram mais do que evocativas. Eram espantosas, atraindo-a e fazendo-a sentir, mais do que nunca, o mistério da infância do avô. Apesar dos detalhes opulentos — torreões e filas de claraboias —, parecia-se menos com um palácio do que com uma casa.

A única informação que conseguiu encontrar *online* disse-lhe que o Schloss Siegel pertencera à família Albrecht até à ocupação soviética. Nada mais. Nem uma migalha. Estaria habitado? Anna fizera uma busca por hotéis na região. Nada. Museus? Também não era um museu.

Deu um beijo no cimo da cabeça do avô e atravessou a pequena sala de

estar de Max, abrindo o saco de papel onde colocara o jantar dele. Retirou uma caixa com lasanha, uma salada e uma fatia do bolo de maçã e caramelo especial que aqueceria para a sobremesa. Manteve Max debaixo de olho enquanto se atarefava a aquecer a refeição na sua cozinha moderna. Tinha o artigo acerca do apartamento em Paris sobre uma mesinha de centro, de vidro, juntamente com a planta.

— Mais um dia atarefado — disse Anna, pressentindo que aquele não era o momento de lançar sobre ele uma torrente de perguntas. Passou a lasanha e a salada para um dos pratos brancos novos de Max e levou-lho. Anna sentou-se à frente do avô no sofá que este comprara poucos anos antes, quando se mudara para aquele pequeno apartamento elegante. Mantinha sempre o seu meio envolvente meticulosamente na moda. Deitava sempre fora qualquer coisa que parecesse minimamente velha, eliminando implacavelmente peças de mobiliário, roupas, livros, chegando a vender um ou outro quadro, porque, como dizia, Anna não ia querer ficar com aquele lixo quando ele morresse. Fora por isso que vê-lo com as fotografias de criança a perturbara tanto.

— É a melhor maneira de se estar, querida. — Max começou a comer.
— Atarefado.

Só quando acabou de comer e limpou as mãos elegantes — mãos aristocráticas, pensou Anna de súbito — com o guardanapo, é que se virou para ela.

— És feliz, Anna?

Que tipo de pergunta era aquela?

— Não planeio mudar nada — disse ela.

— Odiaria ver-te... a desistir do amor.

— Oh, não vamos por aí. Sinceramente. — Anna começou a limpar o prato do avô, mas este estendeu a mão e puxou-a por uma manga.

— Volta a sentar-te, minha querida. Quero falar contigo.

Ele queria falar? O Max que ela conhecia nunca teria falado assim.

— O que significa tudo isto? — As palavras dela eram gentis.

Max pareceu pensar por um instante.

— Tenho um arrependimento. — A boca estava firme. — Tem a ver com o apartamento em Paris.

O apartamento em Paris.

— Sabes, ver aquelas fotografias, depois de todo este tempo... — Apontou para as fotos que o assombravam. — Ver essas fotografias trouxe tudo de volta. Parece que aconteceu, oh, nem sei, há um mês, quando muito. Ainda o consigo ver. Não sei. Acho que o arrependimento é a coisa mais triste que

podemos ter na vida. É aquilo que deixamos escapar, o que não fazemos... que provoca o pior tipo de dor. Porque jamais saberás o que poderia ter sido. As oportunidades que não aproveitámos. Como as nossas vidas podiam ter sido diferentes... se tivéssemos feito escolhas diferentes. Jamais saberemos se não as fizermos, se não agirmos.

— Tem mesmo arrependimentos assim tão fortes?

Max puxou pelas pontas da planta do Schloss Siegel, as mãos trémulas.

Anna ajudou-o a abrir o papel desbotado.

— Aqui — a mão dele, azulada pelas veias finas, deslizou pelo piso superior do Schloss — era o meu quarto.

As pontas dos dedos dele demoraram-se no quarto à direita dos dois quartos maiores, logo por cima da sala de música. Embora ligeiramente mais pequeno que os dois quartos centrais, não deixava de ser substancial quando comparado com aqueles onde ficavam os criados. O quarto ao lado do de Max estava rotulado de «ama» num itálico elegante, o outro a seguir a esse de «governanta».

— Preciso que procures por baixo das tábuas do chão do meu velho quarto — disse Max. Soava determinado, como se lhe estivesse a pedir algo tão simples quanto dirigir-se à divisão adjacente para lhe trazer o jornal.

— As tábuas do chão?

— Sim.

Se não tivesse parecido tão sincero, Anna teria dito que Max não estava bem. Duas rosetas de cor, brilhantes, floresceram nas suas faces pálidas, e ele pareceu, de súbito, mais animado do que parecera em muitos anos.

— Tens de me dizer... mais. Por favor.

Max inclinou-se para ela e cobriu uma mão de Anna com a sua.

— Anna — disse.

Anna não se moveu.

— Por favor. — Era agora um suave sussurro. Queria saber o que tinha aquilo a ver com o apartamento em Paris. Queria saber o que deixara ele naquele quarto. E, acima de tudo, queria saber que coisa fatídica seria essa de que sempre se arrependeria.

Mas o olhar dele estava agora enevoado. Max já não estava com ela. Não estava ali. Estava num outro lugar. Enquanto o observava, uma coisa tornou-se clara para Anna. Max podia nunca falar sobre isso, mas não deixara tudo para trás.

Paris, 1934

A AVÓ DE ISABELLE DE FLORIAN, MARTHE, ESTAVA NO SEU ASSENTO PREFERIDO junto à janela quando Isabelle regressou ao apartamento na Rue Blanche.

Marthe tinha mandado levar para ali a infame chaise-longue da sua sala de estar pessoal. A partir daquela peça de mobiliário, elegante mas atrevida, podia seguir tudo o que se passava na rua, em baixo. Embora o 9º *arrondissement* já não fosse como outrora, Isabelle sabia que olhar para o teatro do outro lado da rua oferecia algum divertimento à avó, que estava já na casa dos setenta. Naquele dia Marthe parecia estar a precisar de atenção.

— Não estou com disposição para falar, infelizmente. — Isabelle pôs os dois pequenos sacos de compras do armazém Printemps aos pés de Marthe.

— Que tédio. Algo belo, espero?

— São apenas uns lenços.

Fez-se silêncio. Isabelle apercebia-se de que a avó a estava a estudar, querendo saber o que acontecera nessa tarde, mas ainda se sentia demasiado perturbada para falar sobre isso.

Avançou até ao piano e tocou algumas notas de abertura antes de se sentir mergulhar na música como sempre acontecia. Permitiu que as notas de Satie a acalmassem, que a levassem para um outro reino, bem longe de Paris. Tinha dezanove anos. Não era suposto ser entusiasmante?

Isabelle terminou a peça e descansou as mãos sobre as teclas durante alguns segundos cruciais, antes de se virar no banco do piano para enfrentar Marthe — e a realidade.

— Não correu bem, portanto. Ou não correu como esperavas, o que vai dar ao mesmo — disse Marthe, fixando o olhar em Isabelle.

Isabelle levantou-se. O seu vestido leve com minúsculas flores e franzido por baixo do busto — que envergara com tanto entusiasmo algumas horas antes — parecia-lhe agora aborrecido.

— Oh, correu bem. — Era mais fácil mentir. A culpa não era de ninguém. De ninguém a não ser da sociedade, supôs Isabelle. Mas não correra bem, de todo.

O facto de *Madame* Fatouche, a *maman* do mais recente pretendente de Isabelle, ter escolhido o salão de chá do Printemps fora um sinal esperançoso. Decorado num estilo modernista, com carpetes de padrões geométricos e modernas peças de mobiliário tubulares, não era um espaço antiquado.

E parecia razoável esperar que *Madame* Fatouche fosse tão moderna nos

seus pontos de vista quanto na sua escolha de cafés — aceitando uma rapariga que, por acaso, era neta da outrora infame cortesã Marthe de Florian.

Corriam os anos de 1930, por amor de Deus. Havia passado todos por uma guerra. E a questão do direito de nascença fora destruída pelas revoluções. Pela Rússia. Decerto...

Madame escolhera a mesa em frente à entrada do salão de chá, a partir da qual podia observar Isabelle, enquanto esta corria — atrasada —, tendo-se distraído com umas belas fitas.

Aparentemente, Pierre Fatouche conversava animado — ainda que um bocadinho depressa de mais. Isabelle afastou a ideia de que o seu pretendente pudesse ter sido afligido por um ataque de nervos. Decerto não tinha qualquer motivo para se sentir nervoso.

A mãe de Pierre parecia estar a ignorá-lo. O seu olhar estava fixo em Isabelle.

— Ah, aqui está ela! — Pierre levantou-se, inclinou-se para a frente e beijou o rosto de Isabelle. Esta sentiu o deslizar avaliador dos seus olhos claros a percorrer o vestido fino dela, enquanto ele acendia um cigarro.

Seria o tecido transparente? Teria escolhido um traje desadequado? Mas não. Era bastante moderno. Moderno e elegante era a escolha certa para o Printemps. E, afinal de contas, o vestido de *Madame* era semelhante ao de Isabelle no estilo. A malinha de pele de cobra ultrarrecente da mulher mais velha estava pousada sobre a mesa. Isabelle deu por si a invejar o sentido de decoro e propriedade da outra mulher.

Madame estendeu-lhe a mão. Revelou o branco dos dentes por uma fração de segundo, antes de ter fechado a boca de batom perfeitamente aplicado e ter voltado a pousar a mão na mesa.

— *Maman...* — começou Pierre.

— A minha *maman* viu a sua avó atuar numa peça durante os anos de 1890. No Pigalle. Marthe de Florian era o seu nome de palco, bem como o nome que usava para... tudo o resto, não era? — *Madame* pronunciou lentamente as palavras e ignorou o filho.

Isabelle limitou-se a sorrir e sorrir.

A tarde estava terminada antes mesmo de ter começado.

Marthe manteve-se em silêncio enquanto Isabelle contava a sua história. Isabelle deslizou os dedos pelas teclas do piano.

— Para com isso por um momento, querida — disse Marthe baixinho. — Tenho estado a pensar.

— Não há nada que ninguém possa fazer. Ninguém tem culpa.

— Tens a certeza de que é um homem que queres, Isabelle? Porque, posso dizer-te, não é essa a resposta.

Isabelle esperou um instante.

— Há algo de errado em querer o amor? Sabe, nunca compreendi essa parte de si, *grand-mère*... — Isabelle interrompeu-se. Que escolha tivera a avó?

Marthe ergueu-se da chaise-longue e Isabelle foi ajudá-la. Admirou a postura direita da avó, a sua figura esguia, aquela qualidade fugidia nos seus profundos olhos castanhos que enfeitiçara inúmeros homens poderosos. Marthe tinha uma coleção de joias que rivalizaria com a de qualquer duquesa e o seu apartamento estava repleto de presentes exóticos, peças de mobiliário e obras de arte que faziam a inveja de todos os que entravam no seu salão. A certa altura, a avó de Isabelle fora a derradeira mulher parisiense. Ela guiava e as outras seguiam-na.

E no entanto, tal como a das poucas cortesãs de sucesso, a existência de Marthe jamais poderia ser abertamente reconhecida. Não nos círculos adequados. Não na sociedade respeitável.

Então, onde é que isso deixava a sua neta?

Isabelle suspirou. Não fazia mal ouvir o que a avó tinha a dizer.

— Em que estava a pensar?

— O problema é Paris, não és tu. — Marthe avançou até à pequena secretária de nogueira que um qualquer homem (um dos seus benfeitores, como lhes chamava) lhe oferecera trinta anos antes. Vasculhou por entre alguns papéis, depois entregou uma brochura a Isabelle.

— O lago Léman?

— Para o verão.

— Só a avó e eu?

— Só tu e eu.

Isabelle estudou as fotografias à sua frente — um hotel de conto de fadas sobre a mais atraente água azul imaginável. Um largo terraço adornado por buganvílias e rosas. Mesas iluminadas por pequenas velas e pessoas elegantes que dançavam nos braços umas das outras.

Para o diabo com *Madame Fatouche* e os seus modos fastidiosos.

— Porque não? — disse Isabelle.

Marthe avançou e abraçou-a.



Capítulo

DOIS



As vinhas cobriam as encostas — gotículas de água pendiam das folhas de um verde vibrante, cintilando e resplandecendo sob o sol da tarde. Isabelle inclinou-se sobre a varanda de ferro forjado no exterior do seu sumptuoso quarto de hotel. Depois de alguns momentos sonhadores, virou a sua atenção para os iates que balouçavam no lago e para as montanhas mais além.

O seu olhar deslizou da beleza natural ao longe para a cena logo por baixo da sua janela. Grupos de pessoas elegantes estavam sentados no terraço, apreciando um chá de final de tarde composto por bolos, chocolates suíços, café e champanhe. Os chapéus claros dos homens cobriam de sombra os seus rostos enquanto conversavam com mulheres muito bem vestidas que se reclinavam com graciosidade nas suas roupas de cor creme.

— Desce e diverte-te — disse Marthe, surgindo na varanda depois de ter acabado de supervisionar o desfazer das malas no seu próprio quarto. — Vou descansar um pouco depois desta longa viagem! Temos todo o verão pela frente para nos divertirmos. Espero que tanto descanso não seja demasiado cansativo para mim.

Isabelle virou-se para a avó.

— Nunca gozou de umas verdadeiras férias, *grand-mère*. As férias nunca fizeram parte da sua vida, pois não?

— Concedo nesse ponto. — Marthe sentou-se numa cadeira de verga.
— Talvez seja hora de mudar as coisas. Agora tenho a desculpa perfeita. Tu.

— Não quero que sintas que tem de deixar Paris por minha causa. —
Isabelle pegou no chapéu, cobriu com ele os caracóis escuros e sorriu.
— Mas bastou-me um dia aqui para compreender que até Paris não passa
de uma pequena gota no vasto oceano. Uma pérola, sem dúvida: mas não
toda a ostra.

— Para de filosofar. Vai explorar! — Marthe acenou com a mão para que
partisse.

— Não demorarei.

— Demora tanto tempo quanto quiseres. Temo que não serei grande
companhia para ti.

Isabelle deu um beijo à avó.

— Nunca a poderão acusar de ser aborrecida, *grand-mère*.

— Não costumavam fazê-lo.

Isabelle desceu a grandiosa escadaria central do hotel até ao salão.
Ventoinhas de madeira no teto giravam sobre as mesas de verga dispostas
com mestria no chão de tijoleira branca e preta. Plantas envasadas conferiam
à sala a sensação de uma estufa. Avançou para as portas duplas que se abriam
para o terraço.

Uma vez ali, Isabelle hesitou. Todos tinham um ar tão relaxado. Os
jovens fumavam, os seus olhos semicerrados enquanto fitavam as mulhe-
res. De súbito, aquela sensação de insegurança demasiado familiar desli-
zou através dela — era uma intrusa e sempre o seria. Não pertencia àquele
mundo sofisticado. Mas se não fazia parte de tudo aquilo, então quem
seria ela?

Isabelle adorava a avó, que a educara depois de a família da mãe a ter re-
jeitado após a morte do pai, o filho de Marthe, Henry. Mas o nome de Marthe
de Florian precedia-a onde quer que fosse. Estaria condenada a manter-se
sempre na franja? Era impossível imaginar qualquer outra coisa.

Isabelle avançou até ao terraço e seguiu até ao muro baixo e claro de pe-
dra que se erguia junto à água. Uma fila de cadeiras de madeira percorria-o.
Sentou-se, ainda que o tenha feito apenas para se esconder do olhar dos ou-
tros hóspedes. Contudo, estava ali uma outra jovem — sozinha — a alguns
metros dela.

A rapariga parecia pouco mais velha do que os dezanove anos de Isabelle
e tinha o cabelo de um louro espantosamente claro. Para sua surpresa, a com-
panheira de solidão fitava-a diretamente. Não havia nos seus modos qualquer

sinal de timidez, mas também não se mostrava particularmente amigável. Isabelle arriscou um sorriso.

— Está uma bela tarde — disse, em inglês.

— Está, sem dúvida. — A pronúncia da rapariga não era francesa. E o seu inglês parecia-lhe confiante, seguro.

— Vieste passar o verão?

— Sim.

Isabelle pousou as mãos no colo.

— Eu... mal posso esperar por me ambientar.

— Vieste com a tua família?

— Apenas com a minha avó. Sou Isabelle. Isabelle de Florian.

A rapariga loura levantou-se. Era alta. O seu vestido elegante era feito de seda do mar, fazendo pregas por baixo dos seios. Todo o efeito — do cabelo, dos olhos azuis e do vestido — era quase estonteante sob a luz do Sol.

— Vim até aqui em busca de alguma privacidade. Por favor, desculpa-me.

Isabelle sentiu-se corar.

Mas depois, hesitando por um instante, a rapariga estendeu-lhe uma mão enluvada.

— Nadja Albrecht.

— Olá, Nadja.

— Voltaremos, sem dúvida, a encontrar-nos no hotel. — Nadja continuava a soar superior. — Desejo-te uma estadia pacífica. — Havia uma ênfase na palavra *pacífica*.

— Obrigada — disse Isabelle, ao mesmo tempo que Nadja se virava para se afastar, de regresso ao hotel. A rapariga, claramente, não se deixava intimidar com facilidade, mas será que não tinha qualquer desejo que gostassem dela?

Parecia mais simples não debater aquele interlúdio com Marthe.

Várias horas mais tarde, Isabelle dedicou um cuidado extra à sua aparência enquanto se preparava para o jantar. A sua *toilette* era simultaneamente uma distração e um tónico para a alma. Podia refletir quando estava só. Podia enfrentar as coisas e não ter de fingir. Não ter de agir. Isabelle sentia-se aliviada por estar longe de Paris — talvez se sentisse mais esperançosa do que se sentira em muito tempo. Mas continuava um pouco nervosa. Se alguma vez calculasse o número de famílias de pretendentes que a haviam rejeitado, ter-se-ia resignado a transformar-se numa governanta. Que alternativa teria? Tinha de fazer alguma coisa com a vida, mas parecia ter pouco controlo sobre ela.

...

ÀS OITO HORAS, ISABELLE SEGUIU MARTHE E O *MAÎTRE D'HOTEL* PARA LÁ das mesas no terraço, que cintilavam com as pratas e os cristais. As velas tremeluziam no ar quente, enchendo o restaurante com pequenos pontos de luz cintilante. Casais e pequenos grupos conversavam em tons sussurrados, íntimos. O empregado parou numa mesa para duas pessoas, segurou a capa de Marthe e puxou para trás as cadeiras.

Isabelle deslizou a mão pelo vestido de seda.

— Estás linda, minha querida. — Marthe sorriu.

— Ah, obrigada — disse Isabelle. Mas depois sentiu-se empalidecer quando a rapariga alemã e um grupo de jovens louros e etéreos se sentaram na mesa ao lado da sua.

Nadja estava vestida de rosa-claro — de seda também. Tinha o cabelo claro preso junto ao pescoço. Isabelle conseguia sentir o perfume delicado da outra rapariga, a partir do lugar onde estava sentada.

Uma banda de jazz começou a tocar.

Nadja tinha-a visto — Isabelle estava certa disso — mas não a cumprimentara. Isabelle não queria ficar a olhar fixamente, mas era difícil não olhar de relance para a outra mesa de quando em vez.

— Que lugar encantador — disse Marthe.

— Sim.

Um jovem sentou-se ao lado de Nadja. O seu cabelo louro estava cuidadosamente penteado para longe do rosto, realçando os seus olhos azuis. Dois outros rapazes, que não pareciam ter mais de dezasseis anos, sentaram-se ao seu lado. Uma rapariga ruiva, que envergava um vestido de um verde profundo, completava o grupo.

Quando as pessoas começaram a dançar no terraço, Isabelle aproveitou a oportunidade.

— Já deve estar cansada, *grand-mère*. Regressamos aos quartos?

— De maneira nenhuma. — Marthe começou a abanar os ombros ao ritmo do jazz melodioso. — Não somos duas velhas solteironas, sabes?

O grupo da mesa ao lado ergueu-se e Isabelle suspirou de alívio quando os viu afastarem-se para a pista de dança. Sentira-se desajeitada com eles tão perto.

— Quero ficar e ver o baile — insistiu Marthe.

Isabelle dobrou o guardanapo e pousou-o sobre o prato.

— Estou cansada...

— Solteirona, Isabelle?

— Não estou com disposição para danças.

— Estás a pensar encontrar-te com alguém?

Isabelle manteve o silêncio.

— Não vim até tão longe só para te ver esconder a um canto. Estás repleta de contradições. O que se passa contigo?

— Não se passa nada comigo. Gostaria apenas de passar o verão a atualizar as minhas leituras. Podemos visitar as aldeias locais juntas. Eu podia arranjar um *hobby*. — Porque tinha sido ela suficientemente louca para achar que a geografia faria qualquer diferença quanto ao modo como eram encaradas? Independentemente de onde estivesse, não se enquadrava. E a avó tinha razão. Ela estava a lutar contra as contradições. Sabia o que queria, mas não o podia ter. Por isso, não seria melhor evitar simplesmente o problema e fazer qualquer outra coisa?

— Um *hobby*? — Marthe afastou a cadeira da mesa com tal violência que surgiram ao seu lado dois empregados. — Muito bem... eu estou bem — disse ela, afastando os homens.

Isabelle desviou o olhar. Marthe parecia determinada a fazer uma cena.

— Se ninguém te convidar para dançar, então não terás de dançar — disse Marthe, a sua voz como palha-d'ação a raspar na madeira. — Mas se alguém te convidar, por amor de Deus, vai e diverte-te. Não te feches sobre ti mesma só por causa da maneira como as coisas correram em Paris.

— Irei assistir durante algum tempo — disse Isabelle. — Mas apenas para lhe agradar.

— Sinceramente, Isabelle. Não fazes qualquer sentido para mim.

Quando finalmente tinham atravessado o restaurante, a maior parte dos hóspedes estava a dançar junto ao lago. Um empregado acompanhou-as até uma mesa no final da pista de dança e apresentou-as a duas mulheres idosas.

Marthe iniciou um diálogo ruidoso e irritante acerca dos empregados modernos, em inglês, com as duas mulheres mais velhas, e ao fim de alguns minutos Isabelle descobriu-se com vontade de ir dar um passeio.

O muro baixo onde se tinha sentado nessa tarde estava polvilhado de lâmpadas naquela noite, e a Lua lançava um feixe de luz incandescente sobre a superfície do lago escuro, abrindo-se no ponto onde se cruzava com o cais do hotel.

Isabelle deslizou os dedos sobre o cimo do muro, permitindo que o calor que a pedra havia absorvido durante o dia se infiltrasse nos seus dedos e se estendesse até à mão.

— Não pude deixar de reparar em ti. Estás a viajar sozinha com a tua avó? — perguntou uma voz atrás dela, uma voz masculina, em francês.

Isabelle virou-se, lentamente, deliberadamente. Sabia quem estava ali.

— Nadja disse-me que te tinha conhecido. — A expressão nos olhos dele era calorosa. — Ela foi indelicada contigo?

— Claro que não.

— Também não pude deixar de reparar que estavas aqui sozinha. Todos, na minha mesa, têm alguém com quem falar. *Mademoiselle* de Florian, não é?

A voz dele era gentil, profunda.

— Isabelle.

— Sou Max Albrecht — disse o jovem. — Felizmente... ou não... sou irmão da Nadja.

Isabelle estendeu-lhe a mão e ele apertou-a por um momento.

— Todas as noites têm sido assim, sabes? Espantosas. — Ele fitou o lago. — Convidava-te para ires dar um passeio comigo, mas presumo que a tua avó...

— O mais certo era que me lançasse para os teus braços — terminou Isabelle.

— Não precisas de ser lançada.

Pareceu-lhe necessário explicar.

— Acho que ela quer apenas que eu me divirta. Mas a diversão é sempre de curta duração. Aborrece-me. — Por alguma razão, Isabelle queria desafiar aquele jovem, mas, por outro lado, ele parecia genuíno. Amigável. Enterrou os dentes no lábio inferior.

— Talvez pudesses seguir o conselho dela de vez em quando? — A voz de Max era aveludada e ele parecia próximo embora se mantivesse a uma distância respeitável.

— Não vejo porquê.

Ele inclinou a cabeça para um lado, observando-a.

— Façamos assim. Por acaso estás livre amanhã?

— Amanhã?

— Vamos passar o dia fora. Numa viagem de barco pelo lago. Nada de formal. Nadja, a amiga Sascha e os meus irmãos mais novos, os gémeos Didi e Jo... e eu.

— Receberiam bem um estranho?

— Mas tu não és uma estranha, pois não?

Isabelle observou a avó. Marthe parecia envolvida numa conversa apaixonante com as outras duas mulheres.

Isabelle voltou-se para o homem que se erguia à sua frente.

— Bem — disse ela. — Provavelmente isso agradaria à minha avó.

— Excelente. Encararei isso como um sim. Encontramo-nos no cais às dez e meia.

Isabelle sorriu e o seu olhar fixou-se no de Max, apenas por um segundo. Não conseguia decidir o que era mais poderoso: o desejo de continuar a olhar para os seus olhos, ou o impulso para lhe virar as costas.

São Francisco, 2010

ANNA ARRASTOU A MALA ATRAVÉS DA SALA DE ESTAR ATÉ À PORTA DA FRENTE, olhando para um lado e para o outro enquanto percorria a casa. As suaves almofadas dos seus sofás cinzentos estavam dispostas tal como gostava, e deixara os seus livros preferidos sobre a mesinha de centro. Se ao menos tivesse tempo para ler. Brunira os azulejos brancos e pretos da casa de banho na noite anterior, polira o espelho redondo e limpou o pó do seu quarto branco com os seus muitos armários embutidos e portas de vidro duplas com vista para o pequeno pátio orlado de pequenas buganvílias e roseiras.

Anna abriu a porta da frente no preciso momento em que Cass parava diante do pequeno lance de escadas que dava acesso à casa. Max seguia no lugar do passageiro, movendo o braço numa adaptação do aceno real. Cass buzinou.

— Oh, sinceramente. — Anna abriu a porta traseira da carrinha do café e atirou a mala para o meio das estantes onde normalmente se encontrava pão fresco. Como se estivesse em piloto automático, a sua mente saltou para o que deveria estar a acontecer no café: era demasiado cedo para as entregas de pão da tarde, mas as rondas da manhã estariam completas. O que estava ela a fazer, ao deixar tudo aquilo para trás? Com o que havia ela concordado? E, no entanto, não conseguia fazer outra coisa senão ceder ao desejo do seu querido avô.

Fechou com força a porta de trás da carrinha, mas a sua mente continuava a raspar como uma galinha no seu pedaço de terra.

Anna investigara um pouco mais, mas era impossível encontrar na lista telefónica local alemã os donos atuais do Schloss Siegel. As suas buscas no Google Maps haviam apenas revelado que o Schloss estava localizado no limite de uma pequena aldeia, também chamada Siegel.

— Tens a certeza de que estás pronta, querida? — dizia agora Max,

movendo a sua minúscula figura para o assento do meio, de modo a permitir a entrada de Anna.

Pronta? Anna queria rir-se só de pensar nisso. Ao invés, estendeu a mão para cobrir a de Max.

— Já sabes como sou — brincou. — Estou sempre preparada. — Esperava que a sua voz não a entregasse.

PELO MENOS SABIA PARA ONDE IA. PARA A ALEMANHA. HAVIA UM COMBOIO direto para noroeste, até Siegel, a partir de Berlim. Demorava uma hora e vinte minutos. Não era demasiado tempo.

— Excelente. — Max cruzou os braços, mas parecia algo abalado.

Anna olhou pela janela, enquanto seguiam na direção do aeroporto. A brilhante luz do Sol cintilava sobre a baía. Será que alguém se lembraria do avô quando chegasse a Siegel?

A partir do momento em que mudou, em Los Angeles, para o avião que a levaria a Berlim, Anna foi incapaz de manter uma cadeia de pensamentos. Tentou concentrar-se na grande variedade de entretenimentos que o avião oferecia, mas falhou. Sempre que tentava concentrar-se num filme, a sua mente começava a deslizar, regressando uma e outra vez às imagens de contos de fadas do Schloss.

Quando o comboio parou abruptamente em Siegel, Anna estava exausta. Ao descer do comboio, olhou à sua volta para a plataforma deserta. Uma velha estação que parecia ter sido, outrora, encantadora, mas que estava agora decorada com janelas de alumínio cobertas de pó. E, no entanto, apesar da impressão de algo antigo e belo que chocava com o funcional período soviético, Anna sentia uma forte sensação de História só por ali estar. Não conseguia parar de pensar em todos os outros comboios que haviam parado naquela estação — e quantos deles teriam transportado o seu avô e a família deste.

Anna trabalhara no seu percurso antes de ter saído de casa e sabia que bastariam alguns minutos para atravessar a pequena aldeia e chegar à praça principal. Ao partir, manteve os olhos fixos sempre em frente e fez o seu melhor por ignorar as sensações que lhe revolviam o estômago.

Ela era a única pessoa que descera do comboio. A sua mala trepidava no silêncio enquanto a arrastava pela rua que conduzia à praça. Passou por uma fila de casas com ar degradado; a relva comprida crescia ao longo das fachadas dos antigos edifícios de pedra. Em seguida, passou por uma pequena loja.

Um sinal antigo sobre a porta da frente fechada agitava-se com a brisa. Não havia viva alma à vista. Não havia carros, nem trânsito, nem padarias. Não havia bombas de combustível ou casas que parecessem albergar qualquer forma de vida. Onde estaria toda a gente?

Anna achou que o melhor seria continuar, embora a tentação para parar e olhar fixamente à sua volta fosse quase avassaladora. O vento aumentou e o silêncio fantasmagórico que permeara o final de tarde foi substituído por estranhos e inexplicáveis gemidos e estalos. Era o início da primavera, mas a aldeia não apresentava qualquer promessa de nova vida. Era como se o passado estivesse preso pelas dobradiças e, contudo, não se sentisse seguro de ainda pertencer. Então, o que se estaria a passar? Anna apertou os botões do casaco preto com a mão livre enquanto contornava uma curva da estrada que conduzia à praça — o coração, presumivelmente, daquela que fora outrora a aldeia do avô.

Parou em frente à igreja. Estranhamente, o edifício parecia ter um novo telhado de terracota, e as suas paredes tinham o aspeto de pintadas de fresco. Era uma igreja bonita, com uma torre redonda que culminava numa ponta com um cata-vento dourado. Ao seu lado havia uma mercearia com uma luz acesa no interior. Anna deu mais alguns passos. Parou em frente ao edifício antigo, logo a seguir à loja.

De súbito o cansaço atingiu-a, fazendo-a oscilar e quase deixar cair a bagagem ali mesmo, no passeio. Tinha chegado. Estava ali. Viajara durante quase vinte e quatro horas para chegar àquele local, àquele local onde nunca antes estivera, do qual apenas ouvira falar há poucos dias. Mas ainda que a aldeia lhe parecesse estranha, também lhe parecia familiar. Várias mesas de madeira com longos bancos estavam alinhadas em frente ao pátio do edifício de pedra coberto de hera, mesmo à sua frente. O sinal acabado de pintar anunciava que chegara ao seu destino — o hotel Goldener Hahn. Anna deu mais alguns passos cambaleantes e empurrou a porta de madeira da frente.

Deu por si a entrar no restaurante, onde estavam dispostas mesas e cadeiras de madeira que pareciam ter saído diretamente de uma rima infantil. Era como se tivesse entrado, agora, numa outra Alemanha — uma Alemanha tradicional repleta de histórias e de magia e de todo o tipo de personagens maravilhosos saídos dos livros infantis. Quantas vezes entrara o avô naquele preciso local? Teria bebido ali a sua primeira cerveja?

— Posso ajudá-la? — perguntou uma rapariga, em alemão. Parecia lógico que envergasse um fato tradicional; o seu cabelo castanho-claro estava preso atrás num carrapito.

Enquanto a rapariga acompanhava Anna até ao quarto, passaram por um casal de meia-idade que descia as escadas. Envergando roupas modernas e levando na mão um mapa, pareciam absolutamente normais e saídos do século certo. Anna sentiu que parte da tensão que se acumulara nos seus ombros se dissipava.

O quarto estava disposto de um modo encantador. Uma escadaria de madeira separava o quarto, no andar de cima, de uma pequena sala de estar privada, no andar de baixo. Uma minúscula casa de banho com um lavatório de pedestal completava a imagem. Tinha vista para a praça da aldeia.

Desfez a mala, pendurou as roupas no roupeiro, tomou um duche e deitou-se na cama. Precisava de dormir uma sesta, queria que aquele dia de viagens intermináveis chegasse ao fim. E, ao mesmo tempo, queria levantar-se imediatamente. Explorar. Descobrir. Mas o jantar só seria servido daí a quatro horas. Precisava de descansar ou cairia para o lado.

Ao fim de quinze minutos, Anna teve a certeza que essa ideia seria inútil. Não conseguia desligar a sua mente. Há quanto tempo estariam as coisas assim? Aquele local começava a parecer-lhe a sua própria aldeia.

Anna deixou-se ficar deitada durante mais alguns instantes. Percorrer algumas ruas em Siegel tinha sido o suficiente. Ver a praça meio vazia. O passado e o presente de Anna pareciam fundir-se subitamente, como duas partes de uma chávena partida.

Durante todos aqueles anos, vivera a pensar que não tinha um passado. Mas tinha. De súbito, Max dera-lho. E ali estava ela. O desejo de ver o Schloss era esmagador. Queria estar já lá. Queria ver os fantasmas da sua família, da sua família perdida, a família que nunca tivera, e aquela sensação estava tão intensamente ligada ao seu amor por Max, e ao seu cansaço, e à desolação de todo aquele espaço, que ela teve de se levantar. Tinha de ir imediatamente até ao palácio. Não podia, não iria esperar.

UMA MULHER DE MEIA-IDADE ESTAVA DE SERVIÇO NA RECEÇÃO. UM COLAR de pérolas destacava-se contra a camisola de caxemira preta. O cabelo era liso e louro.

Anna apresentou-se em inglês, na esperança de que a mulher compreendesse.

— Queria perguntar-lhe acerca da possibilidade de visitar o Schloss Siegel. Tentei contactar o dono antes de ter deixado a minha casa, mas...

— Não obteve qualquer resposta. — A mulher começou a virar as páginas

do seu livro de reservas. Falava um inglês perfeito, mas as suas palavras eram truncadas.

— É verdade.

— Não é de surpreender.

Anna esperou um instante.

— Seria possível contactar os donos? Tenho uma boa razão para os ver. Uma ligação pessoal do passado.

A mulher ergueu os olhos, as sobrancelhas arqueando-se em dois quartos crescentes negros e perfeitos.

Não havia outra solução, senão avançar.

— Tenho uma ligação com a família que ali viveu antes de...

— Da chegada dos russos. — A mulher enrolava os R.

— Sim.

— Os Albrecht.

— Exatamente.

A mulher cruzou os braços.

— Há alguns trilhos nas proximidades do hotel. Estou certa que gostará. Tenho um mapa que mostra outras atrações locais.

Anna escolheu as palavras com muito cuidado.

— Lamento, mas preciso de visitar o Schloss. Foi por isso que vim. Vim desde São Francisco.

A mulher virou as costas a Anna. Escolheu do escaparate atrás do balcão várias brochuras brilhantes e um mapa, abriu a caneta com um clique, e com gestos deliberados, começou a traçar grandes círculos vermelhos em redor das atrações turísticas marcadas no mapa. Entregou tudo a Anna sem uma palavra, depois virou-se para o computador e começou a teclar.

— Obrigada — disse Anna. As suas palavras foram cuidadas, deliberadas.

A mulher não ergueu os olhos.

DOIS MINUTOS DEPOIS, ANNA ESTAVA DE NOVO NA PRAÇA DA ALDEIA. Conhecia o caminho para o Schloss, estudara *online* o mapa da aldeia vezes suficientes para ser capaz de lá chegar sem qualquer ajuda. Parecia que não lhe restava outra solução senão pôr um pé à frente do outro e ir pessoalmente até lá, ainda que não fizesse ideia do que a esperava. Já tinha feito isso antes, em diversos momentos da sua vida — claro que tinha.

Anna virou à direita e avançou para lá da igreja, não se deixando entregar à tentação de confirmar se a porta estaria destrancada. Os seus antepassados

tinham venerado ali. Teriam os seus bisavós casado naquela pequena igreja? No entanto precisava de se manter no caminho certo.

A rua para lá da igreja levá-la-ia diretamente ao Schloss Siegel. Quantas vezes teria Max percorrido aquele caminho enquanto crescia?

Anna abanou a cabeça e concentrou-se no que a rodeava. Passou por várias casas de aspeto utilitário com telhados fortemente inclinados e janelas pequenas, que presumiu terem sido construídas depois da queda do Muro de Berlim. Uma espiral de fumo erguia-se de uma das chaminés, e o som de alguém a cortar madeira no jardim das traseiras reverberava no ar.

Anna continuou a andar. Ao fim de alguns minutos, o campo aberto bordejava a estrada estreita. As árvores de ambos os lados encontravam-se salpicadas de folhas, mas não estavam repletas, não ainda. Afinal de contas, estavam apenas em março. Em breve tudo ficaria mergulhado no silêncio, com exceção dos passos de Anna na estrada.

A ESTRADA CURVAVA, E ENQUANTO ANNA A SEGUIA, UMA SÉRIE DO QUE PARECIAM ser edifícios antigos — talvez estábulos — surgiu à sua direita. O seu coração afundou-se no peito. Estava a aproximar-se do Schloss.

Uma frágil vedação de arame farpado protegia os edifícios exteriores da estrada, enquanto a relva e as ervas daninhas se estendiam até aos limites dos edifícios antigos. As janelas dos pisos superiores estavam entaipadas com pranchas de madeira acinzentadas, sobre as quais tinham sido colocadas tábuas na diagonal. Um brilhante sinal amarelo estava preso a uma das janelas. Anna não conseguia ler alemão, mas a sua mensagem era clara.

Envolveu o corpo com os braços e continuou até chegar aos portões do Schloss Siegel.